

## ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Izabel Pereira Teixeira Azevedo<sup>1</sup>

Gracilene Mendes de Souza Nogueira<sup>2</sup>

### Resumo

Este estudo apresenta questões referentes ao ensino de arte no Brasil e sobre o processo criativo do fazer artístico com a finalidade de compreender se o que se ensina como arte no ensino fundamental é, de fato, arte. Discute, ainda, sobre a contribuição do ensino de arte para a aprendizagem e a formação integral do homem. Sua proposta é entender como a arte foi tratada e interpretada dentro da educação mediante a sociedade e o meio cultural para, então refletir sobre seu desenvolvimento conceitual e pedagógico. A escolha por esta temática justifica-se pela insatisfação com as atividades propostas em sala de aula, observadas durante o período de Estágio Supervisionado, revelando situações mantidas há anos no cenário do ensino de arte. Embora o conceito de arte tenha se evoluído ao longo da história da educação brasileira, as práticas pedagógicas desenvolvidas em função desta disciplina, mesmo após muitos movimentos e lutas, nem sempre acompanharam o curso de sua evolução e ainda hoje mantêm-se presas à técnicas tradicionais que pouco contribuem para a formação do estudante. A reflexão é feita a partir de uma abordagem qualitativa, de cunho bibliográfico, realizada por meio de sucessivas interpretações de pesquisas de autores estudantes desta temática, tendo sido possível perceber uma corrida desigual entre a evolução conceitual e a prática da arte em sala de aula. Esta investigação, portanto, contribui para uma reflexão sobre a importância dada ao processo de ensino-aprendizagem de arte no ensino fundamental, sendo recomendada para estudantes dos cursos de formação de professores e para os educadores da educação básica.

**Palavras-chave:** Arte. Ensino-aprendizagem. Criatividade.

### Introdução

Este estudo tem por objetivo refletir sobre o ensino e a aprendizagem de arte como disciplina do ensino fundamental com foco no processo criador e no fazer artístico assumidos no decorrer das aulas. A ideia de pesquisar sobre essa temática surgiu pela insatisfação com as aulas de arte durante os meus estudos no ensino fundamental e médio e com as aulas de arte de minhas filhas, hoje no ensino fundamental. Entretanto, o fato mais recente e inquietante surgiu a partir da vivência do Estágio Supervisionado oportunizado pelo curso de Pedagogia no Instituto de Formação e Educação Teológica (IFETE). Durante o cumprimento deste componente curricular pude observar a existência de situações idênticas

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Pedagogia pelo Instituto de Formação e Educação Teológica (IFETE). E-mail: izabel.teixeira13@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Centro Educacional de Pindaí, mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: galzezinho@Yahoo.com.br

mantidas há anos no cotidiano escolar. As escolas parecem não estar preparadas para o ensino de arte como estão para o trabalho com as outras disciplinas do currículo escolar.

Tais situações associadas à minha profissão, pintora, justifica a busca por uma reflexão sobre a importância e o sentido da arte na vida humana que possa subsidiar a construção de conhecimentos nesta área com vistas à melhoria de minha atuação como profissional e como mãe de estudantes da referida disciplina no ensino fundamental.

Nesta perspectiva, discutiu-se a possibilidade de desenvolver uma pesquisa com a proposta de pensar sobre a importância do ensino de arte na educação fundamental para, então, compreender se o que se ensina na escola como arte é, de fato, arte. Diante da importância tradicionalmente dada às disciplinas Português e Matemática, é interessante questionar se arte também não é importante para a vida das pessoas e, sobretudo, para a vida e formação dos alunos.

Colaboraram com esta pesquisa, de cunho bibliográfico, os estudos de Martins, Picosque & Guerra (1998), Muller (2009) e Pougy (2011). Estes autores concordam com a ideia de que a arte faz parte da vida do homem sendo tão importante na escola, quanto fora dela, mas, ao mesmo tempo, causa temor e desrespeito, principalmente aos educadores. Assim, arte é uma área do saber e como tal deve ser ensinada e aprendida desde os primeiros anos de vida. Trata-se de um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, vindo a constituir-se num patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber.

A abordagem sobre o contexto histórico do ensino da arte no Brasil serviu para situar a questão no tempo e no espaço a fim de evitar conclusões singulares, distantes do cenário nacional, correspondentes a situações isoladas. A discussão sobre a importância do fazer artístico e criativo necessário ao processo de ensino e aprendizagem, pautados nos estudos dos autores já mencionados, permitiu compreender que as crianças precisam ser estimuladas a descobrirem o mundo da arte a partir de sua imaginação.

O texto que se segue tem sua leitura recomenda para estudantes de cursos de formação de professores e educadores da educação básica na medida em que fornece subsídios para se repensar a estrutura curricular da disciplina arte no ensino fundamental ao mesmo tempo em que discute a necessidade de que os cursos de formação de professores estejam atentos para a abordagem da arte como condição de desenvolvimento da educação integral do ser humano.

## **Percurso metodológico**

O percurso metodológico que garante cientificidade aos conhecimentos produzidos por este estudo pauta-se nos princípios da pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico. A escolha por este tipo de abordagem justifica-se por entender que esta

[...] se aplica ao estudo da história das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões; produto das intervenções que as pessoas fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2006, p. 57).

Deste modo, a pesquisa qualitativa envolve diferentes técnicas interpretativas que buscam descrever significados. Neste caso, a pesquisa qualitativa é desenvolvida por meio da pesquisa bibliográfica.

Fonseca (2002, p. 32) explica que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica caracteriza-se por um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa, que parte da necessidade de exposição do método científico escolhido. De acordo com Lima (2007) a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos, de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório.

A opção por fazer pesquisa bibliográfica considerando o objeto de estudo - arte no fundamental – deu-se pela possibilidade de ampliar o conhecimento através do posicionamento de diversos autores sobre o ensino de arte nas escolas. A abordagem sobre os aspectos históricos do ensino da arte no Brasil e sobre o fazer artístico e criativo nas escolas favoreceu a construção científica de conhecimentos que permitiram a compreensão sobre o que se ensina como arte no ensino fundamental.

Deste modo, a busca por conhecimentos sobre o que os autores pensam sobre o ensino de artes observando os estudos já publicados na literatura nacional pretende refletir sobre o ensino e aprendizagem de arte no ensino fundamental, sendo esta discussão de fundamental importância para acadêmicos e profissionais nessa área.

### **A arte na história da educação brasileira**

A arte está presente no meio social envolvendo toda a diversidade cultural expressa na vida do homem. É importante compreender como a arte foi tratada e interpretada dentro da educação, mediante a sociedade e o meio cultural. Uma discussão sobre os caminhos percorridos pela arte na Educação, nos períodos históricos e nas mudanças determinadas pelas leis que regem o ensino no Brasil permite compreender os rumos assumidos por esta disciplina nos contextos escolares.

Arte brasileira é o termo utilizado para designar toda e qualquer forma de expressão artística produzida nacionalmente. Na história do ensino de arte no Brasil, pode-se observar a integração de diferentes orientações quanto às suas finalidades, à formação e atuação dos professores, mas, principalmente, quanto às políticas educacionais e os enfoques filosóficos, pedagógico e estéticos.

Hoje, a importância do ensino de arte é dada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 1997, p. 15).

Entretanto, o ensino de arte nem sempre teve esta conotação, nem mesmo nos documentos oficiais. Várias foram as oscilações conceituais e didáticas que marcaram a história de seu desenvolvimento ao longo da evolução dos métodos e paradigmas educacionais, do tradicional ao contemporâneo.

Segundo os PCNs (BRASIL, 1997), As primeiras manifestações de arte no Brasil surgiram antes mesmo que as escolas se tornassem uma realidade. Nasceram a partir de processos informais implantados pelas missões religiosas, especialmente a jesuíta, e ganhou

forma com a vinda da missão artística francesa em 1816. Somente em 1824, com a fundação da Academia Imperial de Belas Artes em 1824 é que ocorreu a instalação oficial do ensino de arte nas escolas baseado no modelo europeu. Nessa época, em que o ensino era concebido unicamente como técnica, o trabalho com as artes visuais, apoiava-se exclusivamente no ensino sistemático, principalmente do desenho geométrico e técnico (BRASIL, 1997). Este estilo perdurou até o início do século XX subsidiado pela preocupação em preparar-se para o trabalho nas fábricas francesas e em serviços artesanais. O traço, a repetição de modelos e as habilidades para o desenho geométrico eram as principais habilidades a serem construídas.

A Semana da Arte Moderna, ocorrida em 1922, deu um novo vigor às discussões sobre o conceito de arte e sua importância para o ensino da disciplina em terras brasileiras. Entretanto, as discussões não chegaram ao espaço da sala de aula. O ensino de arte seguiu pautado nos moldes tradicionais em que o professor era a figura central do processo de ensino e de aprendizagem defendendo a ideia da necessidade de copiar modelos para desenvolver as habilidades manuais.

A instituição do projeto de canto orfeônico nas escolas, pelo músico e compositor Heitor Vila Lobos, em 1930, acenou para o que parecia representar inovações no ensino de arte. Entretanto, limitou-se à memorização de letras de músicas folclóricas e cívicas.

A criação da primeira escolinha de arte, no Rio de Janeiro, em 1948, com o objetivo de oportunizar a produção de atividades de auto expressão recebeu apoio por parte dos interessados em arte chegando a 32 instituições particulares dessa categoria em 1971.

Ao lado do crescimento das escolinhas de arte, vários outros movimentos, como o da bossa nova, influenciaram o ensino de arte no Brasil, fazendo expandir a tendência da livre expressão. Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5692 (BRASIL, 1971), o ensino de arte passou a fazer parte do currículo escolar com o nome de Educação Artística. A disciplina incluía orientações para contemplar artes plásticas, educação musical e artes cênicas, passando a fazer parte do currículo do ensino fundamental e médio.

Os primeiros cursos de licenciatura em Arte surgiram em 1973. Possuíam duração de dois anos e eram direcionados à formação de professores para lecionarem música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.

A década de 1980 foi marcada pelo movimento arte-educação “com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal” (BRASIL, 1997, p. 25). As discussões sobre a formação do professor de arte foram ampliadas tendo as ideias do movimento arte-educação sido multiplicadas rapidamente no país.

Estudos como o de Ana Mãe Barbosa, iniciados desde a década de 1980, baseados nas ideias de fazer, ler imagens e estudar a história da arte, propuseram a inclusão de obras como referências para os alunos por meio de uma abordagem triangular.

Segundo a autora,

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe humana através da arte é tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepara-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens. (BARBOSA, 1998, p.17).

A proposta de Ana Mãe Barbosa (1998) impacta na contemporaneidade por chamar a atenção para a avalanche de imagens recebidas inconscientemente. As mensagens transmitidas pelas imagens são muito fortes, argumenta a autora. As crianças precisam aprender a fazer a sua leitura corretamente. Desde os primórdios, a imagem é usada como objeto de alienação. Atualmente é utilizada à serviço do sistema capitalista, portanto, saber ler imagens é fundamental para posicionar-se criticamente sobre aspectos da realidade. A principal influência da proposta triangular é a pedagogia freireana.

Ocorreu em 1996, através da Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 (BRASIL, 1996), no parágrafo segundo do artigo vinte e seis a obrigatoriedade da inclusão de arte no currículo da educação básica. Mais tarde, os PCNs definiram o seu estudo em 4 abordagens: artes visuais, dança, música e teatro.

Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais,

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 1997, p. 19).

Os PCNs apresentam argumentos para o ensino de arte que permitem questionar sobre o lugar da arte na educação escolar. Entretanto, para Fusari (1992, p. 69) “para desenvolver um bom trabalho de Arte o professor precisa descobrir quais são os interesses, vivências, linguagens, modos de conhecimento de arte e práticas de vida de seus alunos”. Deste modo,

estes conhecimentos é que compõem a base para o desenvolvimento de uma educação em arte.

Percebe-se, assim, que o movimento arte educação nasceram discussões que geraram concepções e metodologias que passaram a nortear o ensino de arte. Novas tendências e reformulações curriculares passaram a identificar a área por Arte e não mais como Educação Artística.

No limiar do século XXI destacam-se as propostas que, até então, tinham “se afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte” (BRASIL, 1997, p. 25). Vale mencionar a proposta de inovar o encaminhamento pedagógico-artístico tem por pressuposto a “integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica” (BRASIL, 1997, p. 27)

O estudo a respeito da história da arte na educação deixa claro o percurso histórico e legal que a disciplina percorreu para chegar aos dias atuais na forma como a conhecemos. Refazer a história do ensino da arte nas escolas brasileiras, evidencia uma nova oportunidade de refletir sobre o ensinar e o aprender a arte na escola. O exercício das linguagens presentes nas artes visuais, na dança, na música e no teatro dá espaço para a percepção e de que os alunos precisam aprender a usar as linguagens em diferentes contextos, inclusive artisticamente.

O ensino de arte na prática escolar, durante o tradicionalismo e o modernismo muitas vezes refletiam uma concepção espontaneísta centrada na valorização extrema do processo sem preocupação com os seus resultados. O Brasil passou pelo desenvolvimento do modernismo e progressivamente incorporou o gosto pela arte oficial, tendo assimilado as novas tendências surgidas no pós-guerra que contribuiu para o florescimento da arte contemporânea brasileira. A partir de então, a arte assumiu o objetivo de refazer a história do seu ensino nas escolas brasileiras, com uma nova oportunidade de ensinar e aprender as linguagens das artes visuais, da dança, da música e do teatro dando espaço para a percepção de que os alunos precisam aprender a usar as linguagens em diferentes contextos, inclusive artisticamente. “Quando os estudantes entram em contato com diferentes contextos acabam por perceber que o mundo pode se transformar e que todos nós somos agentes dessa mudança” (FREIRE, apud, POUGY, 1961, p. 42).

## O fazer artístico e a criatividade nas escolas

A discussão sobre o fazer artístico e a criatividade nas escolas pauta-se no posicionamento de Martins, Picosque e Guerra (1962) e Pougy (2011). Todos desenvolveram estudos voltados para a compreensão do fazer artístico e da criatividade nas escolas e se posicionaram sobre esta questão.

Segundo Martins, Picosque e Guerra (1962, p. 162), “quanto mais o aprendiz tiver oportunidade de ressignificar o mundo por meio da linguagem da arte, mais poder de percepção sensível, memória e imaginação criadora ele terá para formar consciência de si e do mundo”.

A respeito da criatividade Pougy (2011, p. 67) afirma que:

A criatividade é a capacidade ou habilidade humana de unir elementos dispares – imagens, sons, gestos, movimentos, ideias, conceitos e teorias, ‘estocados’ no imaginário e na memória de quem cria. É na fonte de invenção artística, bem como científica e filosófica. Quanto mais repertório, mais ‘matéria-prima’ de criação.

Nesta mesma direção encontra-se o pensamento de Haetinger (2005):

As atitudes e as ações criativas correspondem a meios para a compreensão e alteração da realidade. Todo ato criativo expressa a percepção que alguém tem do mundo, de uma ideia ou situação. O indivíduo necessariamente usa o seu entendimento da dimensão real para criar algo novo. (apud MULLER 2009, p. 16).

Observando os posicionamentos destes autores, é notório que a percepção do homem se expressa pelo ato criativo. A busca pelo entendimento de uma situação leva o homem a criar algo novo.

Pougy (201, p. 71) ressalta ainda que:

O gosto pessoal conta muito em arte, uma vez que é ligado ao prazer estético. Não é frequente que um mesmo aluno revele competências satisfatórias em todas as linguagens artísticas. Entre tanto a autora explica que, é importante que todos os alunos vivam experiências artísticas nas diferentes linguagens até que encontrem, definam e aperfeiçoam a sua poética preferida.



Deste modo, o tratamento da criatividade na escola deve ser feito de modo a levar em consideração o gosto pessoal de cada um, as diferentes habilidades e o conhecimento das diferentes linguagens da arte para que o aluno se identifique com uma linguagem artística. Esta postura permite ao aluno produzir com mais gosto e prazer por se identificar com o que faz.

Em comentário a esta questão a autora complementa:

É muito importante que os alunos falem sobre aquilo que criam e produzem. Depois da exposição ou apresentação das leituras, a autora indica que, reserve um tempo para a socialização dos sentimentos, sensações, receios, e desafios que a atividade proporcionou aos alunos. Nesse momento, deixe-os falar livremente sem censura (POUGY, 2009, p. 71).

Pougy (2009) deixa claro, assim, que além do fazer e das criações em arte nas escolas deve-se, também, fazer exposições. Depois, o professor deve proporcionar aos alunos a oportunidade de falar sobre o que criaram, socializando os diferentes sentimentos expressados por cada um durante suas criações colocando os desafios e receios encontrados por cada um, durante a realização das atividades.

Entretanto, como mostra as evidências históricas, nem sempre as práticas em sala de aula acompanham a evolução conceitual, o que decorre da falta de compreensão sobre o real significado do fazer criativo. Para Martins, Picosque & Guerra, (1998, p. 12) “todo processo artístico deveria brotar do aluno”. Entretanto, isto não quer dizer que o conteúdo das aulas de arte devam obedecer à um deixar- fazer que muito pouco acrescenta ao aluno em termos de aprendizagem.

Nesse sentido Martins, Picosque & Guerra (1998) argumentam que: o que “decoramos” ou simplesmente copiamos mecanicamente não fica em nós. É um conteúdo momentâneo, por isso, um conhecimento vazio que no decorrer do tempo é esquecido.

Portanto, o professor de arte deve ser um pesquisador que ensina porque quer, antes de tudo, aprender. E aprende a ensinar ensinando, pensando sobre ensinar. Assim, o educador deve priorizar o processo criativo como produtor e fruidor da cultura.

## Considerações finais

Mediante o que foi pesquisado, percebe-se que a arte sempre existiu, porém, sua história denuncia ter sido pouco valorizada, talvez por falta de uma compreensão do seu real valor na vida do homem, no meio social e cultural. O estudo a respeito da história da arte na educação deixa claro como se deu o desenvolvimento desta disciplina ao longo do tempo e a sua afirmação como área do conhecimento.

A introdução da arte no currículo escolar, como componente necessário à formação integral do homem, foi muito significativa na história de seu desenvolvimento. No entanto, o estudo mostra que nem sempre as discussões conceituais acompanharam as práticas de sala de aula. Toda a história de afirmação da arte no contexto escolar evidencia as inovações pedagógicas em movimento desacelerado se consideradas as evoluções conceituais.

Este fato talvez justifique a continuidade de atividades descontextualizadas e desarticuladas ainda realizadas nas escolas, condicionando o ensino e a aprendizagem em arte para os momentos de agitação da turma ou para passar o tempo com os alunos. Também, talvez seja este o motivo que justifica o desinteresse dos alunos pela disciplina manifestados durante as aulas operacionalizadas em função do Estágio Supervisionado.

Finalmente, este estudo evidencia que o processo criativo assumido nas escolas nem sempre corresponde às formulações conceituais e que, talvez por isso, nem sempre o que se ensina no ensino fundamental como arte seja, de fato, arte.

## Referências

BAR BOSA, Ana Mãe. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/** ministério da educação. Secretaria da educação fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Ministério da Educação. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus e dá outras providências..

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes da educação nacional.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.

Lima, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, 2007, vol.10, no.spe, p.37-45. ISSN 1414-4980.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino da arte: **A Língua do Mundo**: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, Maria Cecília. Conceitos Básicos Sobre Metodologia e Sobre abordagens Qualitativas. In: MINAYO, Maria Cecília. **O Desafio do Conhecimento Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 2006. Cap. 3. p. 54-76.

MÜLLER, Caroline da Silva. **O Ensino de Arte nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**: o Desenvolvimento Criativo de Crianças de duas Escolas Particulares do Lago Norte – DF. Enciclopédia Biosfera, Goiânia, vol.5, n.8, 2009.

POUGY, Eliana Gomes Pereira. **Arte**: soluções para dez desafios do professor. São Paulo: Ática, 2011.